



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

ALIERY ARAÚJO NASCIMENTO

**ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: DISTRIBUIÇÃO E ANÁLISE
ESPACIAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

CAMPINA GRANDE- PB

2015

ALIERY ARAÚJO NASCIMENTO

**ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: DISTRIBUIÇÃO E ANÁLISE
ESPACIAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Unidade Acadêmica de Geografia como requisito
para obtenção do título de Licenciado em
Geografia, sob a orientação do Prof. Dr. Luiz
Eugênio Pereira Carvalho.

CAMPINA GRANDE- PB

2015

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

N244e Nascimento, Aliery Araújo.
Espaços livres públicos: distribuição e análise espacial na cidade de Campina Grande-PB / Aliery Araújo Nascimento. – Campina Grande, 2015.
49 f. il. color.

Monografia (Curso de Licenciatura em Geografia) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho".
Referências.

1. Espaços Livres Públicos – Campina Grande. 2. Espaço Urbano. 3. Espaços Livres Públicos. I. Carvalho, Luiz Eugênio Pereira. II. Título.

CDU 911.375.631(43)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA – UAG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA - CGEO

BANCA EXAMINADORA DE: ALIERY ARAÚJO NASCIMENTO

TÍTULO: ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: DISTRIBUIÇÃO E ANÁLISE
ESPACIAL NA CIDADE DE CAMPINA GRANDE-PB

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

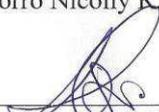
MONOGRAFIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
Curso de Licenciatura em Geografia

Campina Grande (PB), 20 de novembro de 2015.


Prof. Dr. Luiz Eugênio Pereira Carvalho (UFCG) (Orientador)


Profª. Ms. Maria do Socorro Nicolly R. de Almeida (UFCG - examinadora)


Prof. Dr. Heitor de Andrade Silva (UFCG - examinador)

Universidade Federal de Campina Grande
Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
Campina Grande-PB, 58429-140. Bloco BC 2. Telef. da UAG: 83. 2101 - 1722

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Margareth e José, pela confiança depositada em mim durante todos esses anos. Em especial a minha mãe, que sempre preocupada me ajudou em cada momento de aflição.

Ao Pedro meu namorado, pelos quatro anos de apoio em todos os momentos, por me tranquilizar mesmo a uma distância de 284 km, que liga Campina Grande a Natal- RN.

Aos amigos de longa data sempre dispostos a me ouvir, Shirley, Ari, Camila e Renata.

As amigas Juliana e Luenya, que me fazem sorrir nos momentos de estresse.

A Tereza minha sogra e a Andreia Braz, que me adotaram na família com tanto carinho e amor. Minha eterna gratidão e admiração.

Aos amigos que a Geografia me presenteou: Renalle, Silvano, Adjael, Leticia, Danilo e Denis. Obrigada por deixarem meus dias mais felizes.

As minhas irmãs, Aline pela ajuda no trabalho de campo e Alessandra pelos conselhos.

Ao meu orientador Luiz Eugênio, por toda confiança creditada a mim desde que nos conhecemos, pelo carinho e alegria proporcionada. Minha admiração é eterna, grande profissional e pessoa.

Aos demais professores da Unidade Acadêmica de Geografia UAG, que contribuíram para a minha formação acadêmica, em especial, Lincoln, Sérgio Malta, Sérgio Murilo, Murilo e Angélica.

Aos integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Ensino, Meio Ambiente e Cidade (GEMAC), pela união, amizade e compromisso em todos os momentos.

Ao PIBID por me proporcionar uma experiência incrível com a docência nesses três anos como bolsista, e provocar minha evolução como profissional.

Ao professor Jorismar Sena supervisor do PIBID na Escola Nossa Senhora do Rosário, por sempre estar disposto a ajudar.

A toda turmas 2011.1 noturno. Levarei as lembranças desses cinco anos por toda a eternidade.

A todos que de alguma forma fizeram parte dessa etapa da minha vida, incentivando e acreditando nos meus sonhos. Obrigada!

RESUMO

As cidades construídas no Brasil ao longo do século XX negligenciaram a qualidade ambiental como premissa para a qualidade de vida da população. É nítida a pouca presença e a diminuição de espaços públicos destinados ao lazer e áreas verdes nas cidades. Os Espaços Livres Públicos exercem funções sociais e ecológicas essenciais no ambiente urbano, colaborando efetivamente para a melhoria da vida das pessoas. Este estudo tem como objetivos: analisar espacialmente a distribuição dos Espaços Livres Públicos na Zona de Qualificação Urbana da cidade de Campina Grande-PB, definida no Plano Diretor; mapear e caracterizar os ELP da área estudada e identificar os raios de influência dos ELP categorizados. Baseado na metodologia apresentada por Bortoluzzi e Hochhemein (2005), este trabalho lançou mão dos seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica, mapeamento utilizando imagem do software Google Earth e programa de georreferenciamento ArcGis 9.3, e pesquisa in loco para caracterizar todos os ELP da área estudada. Por meio da pesquisa, foi encontrado na Zona de Qualificação Urbana de Campina Grande um total de 243.082 m² de Espaços Livres Públicos, considerando-se uma área razoavelmente servida, mas que ainda carece de mais ELP para atender toda população da área, bem como de manutenção dos já existentes, para que estes se tornem atrativos para a população, contribuindo para a qualidade de vida e ambiental na cidade.

Palavras-chave: Campina Grande-PB. Espaço Urbano. Espaços Livres Públicos.

ABSTRACT

The cities built in Brazil throughout the XX century have neglected environmental quality as premise for the quality of life of the population. It is clear the little presence and the decline of public spaces destined for the recreation and green areas in cities. The Free Public Spaces exercise social functions and ecological essential in the urban environment, contributing effectively improve people's lives. This study aims to: analyze spatially the distribution of Free Public Spaces in the Zone Urban Qualification in city of Campina Grande-PB, definite in the Master Plan; map and characterize the FPS the study area and identify the FPS influence rays categorized. Based on the methodology presented by Bortoluzzi and Hochheim (2005), this work laid hands on from the following methodological procedures: literature review, mapping image using the Google Earth software and georeferencing program ArcGIS 9.3, and research in loco to characterize all the FPS study area. Through research, was found in Qualifying Zone Urban Campina Grande a total of 243,082 m² of Free Public Spaces considering a fairly served area, but which still needs more FPS to meet the entire population of the area, well as maintenance of existing, that these becomes attractive for the population, contributing to the quality of life and environment in the city.

Keywords: Campina Grande-PB. Urban Space. Free Public Spaces.

LISTA DE MAPAS

Mapa1: Localização de Campina Grande-PB	27
Mapa 2: Bairros na Zona de Qualificação Urbana com ELP.....	36
Mapa 3: Espaços Livres Públicos categoria: Parque de Vizinhança.....	38
Mapa 4: Espaços Livres Públicos categoria: Jardim	40
Mapa 5: Espaços Livres Públicos categoria: Parque de Bairro.....	43
Mapa 6: Raios de influência dos ELP: Parque de Vizinhança e Jardim.....	46
Mapa 7: Raios de influência dos ELP: Parque de Bairro.....	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Zoneamento de Campina Grande (Plano Diretor – Lei 003/2006).....	28
Figura 2: Tabela de atributos dos Espaços Livres Públicos no Arc Gis 9.3.....	31
Figura 3: Praça João Rique.....	35
Figura 4: Praça Lauritzen	35
Figura 5: Calçada da Cardoso Vieira.....	39
Figura 6: Praça Alfredo Dantas	39
Figura 7: Praça Felix Araújo	41
Figura 8: Praça Antonio Evanilson Meneses.....	41
Figura 9: Praça Professor Lopes de Andrade	42
Figura 10: Parque do Povo	44
Figura 11: Parque da Criança	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Categorias para a classificação dos Espaços Livres Públicos	30
Quadro 2: Relações dos Espaços Livres Públicos classificados	34

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 A CIDADE E SEUS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: ANÁLISE PRELIMINAR.....	14
1.1 A concepção do espaço e do urbano	14
1.2 Espaços Livres Públicos: Conceitos, definições e importância no meio urbano.....	17
2 CAMPINA GRANDE: SEUS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE	24
2.1 A evolução de Campina Grande e seus Espaços Livres Públicos	24
2.2 Caracterização da área de estudo	27
2.3 Metodologia	29
2.3.1 Caracterização dos Espaços Livres Públicos	29
2.3.2 Raios de Influência dos Espaços Livres Públicos categorizados	31
3 CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA ZONA DE QUALIFICAÇÃO URBANA DE CAMPINA GRANDE	33
3.1 Classificação dos Espaços Livres Públicos	33
3.3 Raios de Influência dos Espaços Livres Públicos na Cidade de Campina Grande....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	50

INTRODUÇÃO

O crescimento urbano rápido e um forte adensamento populacional associado ao déficit de planejamento têm propiciado inúmeros problemas urbanos e ambientais, resultando na queda da qualidade de vida da população. A abordagem sobre os Espaços Livres Públicos (ELP) busca evidenciar um desses aspectos relacionados à vida na cidade.

Os Espaços Livres Públicos exercem funções primordiais para a vida nas cidades, promovendo qualidade ambiental e qualidade de vida, principalmente quando estão organizados espacialmente para atender a toda população integrados ao planejamento urbano da cidade. Entretanto, os gestores públicos muitas vezes esquecem a importância desses espaços, que não são pensados de forma articulada e distribuída pela área urbana das cidades. Todos os habitantes de uma cidade, seja ela de porte pequeno, médio ou grande, têm direito de usufruir de variados espaços públicos. Os Espaços Livres Públicos são significativos para as cidades, portanto, compreende-se que estes devem estar disponíveis por toda a cidade.

Podemos perceber que nas cidades, atualmente, sejam elas de médio e grande porte, os espaços públicos de convívio social estão cada vez mais negligenciados. Existe uma carência de espaços que sejam públicos destinados ao lazer, descanso, cultura, prática de atividades físicas, de convívio social e ambiental.

Os Espaços Livres Públicos são objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento científico, como a Arquitetura, Urbanismo, Sociologia, Geografia, entre outros. Mas o que percebemos é que na área de Geografia a discussão sobre o tema diretamente é limitada, com poucos trabalhos publicados. Como afirma Serpa (2009.p.15) "A Geografia pouco se ocupou da discussão acerca do espaço público urbano" muito embora saibamos que para a discussão sobre o tema precisamos indiscutivelmente da ciência Geográfica.

Na cidade de Campina Grande o assunto vem sido tratado recentemente, com poucos trabalhos na área de Geografia, sendo abordado mais especificamente pela a área de Arquitetura e Urbanismo.

Desse modo, o presente trabalho buscou promover uma leitura dos Espaços Livres Públicos da cidade de Campina Grande, a partir de uma abordagem arregaçada pelos conceitos da Geografia, e os conceitos de ELP trazidos por outras áreas de estudo.

Ao observar os Espaços Livres Públicos na cidade de Campina Grande sente-se a necessidade de investigar sobre o assunto, sabendo que estes espaços somados a outros aspectos, são importantes para a melhoria da qualidade de vida da população.

Portanto, o trabalho tem como objetivo geral: analisar espacialmente a distribuição dos Espaços Livres Públicos na Zona de Qualificação Urbana da cidade de Campina Grande, que segundo o Plano Diretor, Lei Complementar 003/2006. Como objetivos específicos, pretendeu-se mapear e caracterizar os ELP da área estudada e identificar os raios de influência dos ELP identificados.

A escolha dessa área justifica-se por sua definição presente no Plano Diretor de Campina Grande. Neste documento, a Zona de Qualificação Urbana é uma área com infraestrutura consolidada, que deve ter, através da ação do poder municipal, ampliada os espaços públicos destinados ao lazer.

O trabalho está organizado da seguinte forma: introdução, três capítulos e as considerações finais. O primeiro capítulo, que contém a abordagem teórica, discute a concepção do espaço urbano, a importância dos Espaços Livres Públicos, assim como seus conceitos e definições. O segundo capítulo compreende a caracterização da área de estudo, e faz um apanhado histórico da cidade de Campina Grande, através de seus principais espaços públicos e apresenta a metodologia adotada para a execução da pesquisa. No terceiro e último capítulo, discutem-se os resultados obtidos. Após, têm-se as considerações finais do trabalho.

1 A CIDADE E SEUS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS: ANÁLISE PRELIMINAR

1.1 A concepção do espaço e do urbano

A maioria das cidades brasileiras demandaram prioridades ao longo dos anos, negligenciaram a qualidade ambiental como premissa para a qualidade de vida da população. Esta realidade tem preocupado diversas áreas do conhecimento, que discutem sobre maneiras que priorize a qualidade ambiental no espaço urbano.

A geografia é uma das ciências que se propõe a estudar essas relações entre a sociedade, o meio e as transformações resultantes e presentes do espaço. Como afirma Cavalcanti:

A geografia é uma das ciências que se têm dedicado à análise da cidade e da vida urbana. Como ciência social, ela o faz pela perspectiva social, porém com um determinado enfoque. A geografia é uma leitura, uma determinada leitura da realidade. É a leitura do ponto de vista da espacialidade. Seu objeto de estudo é o espaço geográfico. (CAVALCANTI, 2008, p. 64).

Como apontado acima, a característica fundamental do estudo geográfico está associado à espacialidade dos fenômenos. Onde acontece? É sempre uma pergunta a qual o geógrafo tenta responder. Ao estudar o espaço, a geografia procura também relacionar a localização dos fenômenos com sua dinâmica de causa e de consequência.

O objeto de estudo da Geografia é o espaço geográfico que é definido por Santos (2006, p. 39) como: “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá.” Para o autor a natureza é a origem, ela que provê os recursos, os quais são transformados em objetos pela ação do homem através da técnica. Assim o espaço está sempre em construção, pois a sociedade a cada momento histórico age sobre ele, modificando-o.

Segundo Carlos (2011, p. 62), a noção de produção do espaço se vincula à produção do homem, em suas características e condições de vida da sociedade, sendo assim, a produção do espaço se dá gradativamente com a influência da sociedade no meio em que está inserida. Ainda podendo estar articulada com a reprodução das relações sociais existentes num determinado tempo e lugar.

Nesse sentido, as relações sociais por envolver mudanças no espaço também condicionam a inter-relação entre os agentes que moldam e produzem o espaço em termos materiais, dando diferentes formas ao local que a eles está condicionado. É possível observar que quanto mais há a produção e modelagem do espaço, mais esse mesmo espaço passa a ter características diversas, dos quais as atividades desenvolvidas pelos sujeitos refletem na morfologia deste.

Para Santos (2006, p. 39), “O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes”. Nesse sentido, o autor analisa o avanço atual do meio técnico científico informacional, nos quais os ritmos de produção e de transformação da natureza ocorrem de forma acelerada.

Percebe-se que o espaço é inteiramente dinâmico, dependendo de relações e ações com seus objetos. Sendo assim, a produção do espaço geográfico é definida por complexas relações que envolvem tanto os aspectos da natureza e sua dinâmica como da sociedade e sua dinâmica.

Segundo Carlos (2011, p. 59), a evolução do conceito de espaço como localização para “produção social” é um grande passo para a compreensão do mundo através da Geografia. Para a autora “É assim que da simples constatação da localização das coisas no espaço passa-se à descoberta da ‘organização do espaço’ pelos grupos humanos e, desta elaboração, para a ideia de que a sociedade produz seu próprio espaço”. Ou seja, o ato da sua constante reprodução da vida ao longo da sua história está associado ao ato de produção do espaço.

É possível pensar no espaço como conteúdo social dado pelas práticas sociais que vão se realizando num espaço-tempo, com sua constante reprodução. Portanto, a cidade é espaço diante de suas práticas sociais. Segundo Cavalcanti (2008, p. 66): “A cidade é um espaço geográfico, é um conjunto de objetos e de ações; contudo, ela expressa esse espaço como lugar de existências das pessoas, e não apenas como um arranjo de objetos, tecnicamente orientado”. Sendo assim, a cidade é o espaço vivido, um lugar com muitos significados para quem o habita.

A cidade precisa ser pensada a partir da relação entre os atores sociais, como um espaço construído e não apenas como uma mera forma. Cavalcanti (2008, p. 148-149) afirma ainda que cidade é:

Uma expressão da complexidade e da experiência humana. As cidades, em suas várias configurações, são arranjos produzidos para que seus habitantes - diferentes grupos, diferentes culturas, diferentes condições sociais - possam praticar a vida em comum, compartilhando, nesses arranjos, desejos, necessidades, problemas cotidianos. Elas se formam na e pela diversidade dos grupos que nelas vivem.

São inúmeras as definições que são atribuídas à cidade, levando em consideração os acontecimentos vividos pelos povos de diferentes épocas ao longo do tempo, deixando marcas na natureza, representadas pelas transformações e formações dos lugares. Carlos (1992, p. 57) afirma que “a cidade é uma realização humana, uma criação que vai se construindo ao longo do processo histórico e que ganha materialização concreta, diferenciada, em função de determinações históricas específicas”.

Quando analisamos a cidade, estamos refletindo sobre o espaço urbano, ao qual reproduz a paisagem urbana. Podendo ser entendida como uma concretização do urbano. E o espaço geográfico é a materialização das relações sociais, pois a humanidade produz e reproduz seu espaço dando forma aos lugares.

O espaço urbano é formado por um conjunto de atividades capitalistas que quando interligadas podem configurar e determinar o local e a cultura. Segundo Corrêa (2000) é através dos usos das áreas que são definidos e caracterizados no espaço urbano, como por exemplo, o centro da cidade, local de grande circulação voltado principalmente para os comércios, áreas de lazer, residências e as áreas industriais que são sempre mais afastadas da área central.

A partir disso, o autor afirma que: “este complexo conjunto de usos da terra é, em realidade, a organização espacial da cidade, ou simplesmente, o espaço urbano, que aparece assim como espaço fragmentado” (CORRÊA, 2000, p. 7). Um dos usos da terra urbana são os espaços públicos destinados ao lazer, à sociabilidade, a cultura, a práticas de esportes, descanso etc.

Portanto, é nesse espaço fragmentado que surge a cidade, seus atrativos superam o desejo de bem estar social, tornando-se a cidade ao mesmo tempo excludente, através da especulação dos que possuem o solo e o capital.

Corrêa (2000, p. 8) considera ainda que: “o espaço urbano é um reflexo tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”. Com isso, percebe-se que o espaço urbano é o reflexo de uma cidade capitalista, mostrando-se desigual, sendo

o resultado de ações dos agentes sociais, dos quais também podem modificar suas práticas ao longo do tempo.

As distribuições dos espaços públicos nas cidades acompanham essa mesma lógica. As construções de novos Espaços Livres Públicos na cidade devem ser também questão de demanda dos movimentos sociais e de embates políticos que busquem promover uma vida melhor nas cidades. Para ampliarmos esse debate, apresentamos no próximo item as definições sobre os espaços livres públicos que norteiam esse trabalho.

1.2 Espaços Livres Públicos: Conceitos, definições e importância no meio urbano

Diante dos processos de transformação e produção do espaço urbano, consegue-se dar importância para a qualidade de vida no ambiente urbano? São inúmeros os problemas nas áreas urbanas, devido ao seu rápido crescimento, déficit de planejamento e ordenamento através de políticas públicas.

A qualidade de vida nas cidades torna-se cada vez mais comprometida para a população pela falta de espaços para lazer, áreas verdes sendo tomada pelo concreto, a poluição provocada pelo homem, e assim o bem estar humano e ambiental são esquecidos, colocados em segundo plano, sendo elas grandes centros urbanos ou cidades de porte médio. Seguindo o raciocínio, Moro (1976 apud LOBODA; DE ANGELIS, 2005.p.15) relata que:

A constante urbanização nos permite assistir, em nossos grandes centros urbanos problemas cruciais do desenvolvimento nada harmonioso entre a cidade e a natureza. Assim, podemos observar a substituição de valores naturais por ruídos, concreto, máquinas, edificações, poluição etc..., e que ocasiona entre a obra do homem e a natureza crises ambientais cujos reflexos negativos contribuem para degeneração do meio ambiente urbano, proporcionando condições nada ideais para a sobrevivência humana.

É evidente a importância do planejamento urbano, no entanto, não se percebe a preocupação de quem planeja e quem gere as cidades, dos quais vem negando os elementos naturais, assim como a necessidade de espaços de convívio da população, e conseqüentemente a falta de atenção à qualidade de vida. A população acaba não tendo consciência de que na cidade os elementos naturais devem ser enxergados, assim como também não enxergam que o espaço público de lazer é algo que trará benefícios para todos que vivem na cidade.

Quando se fala em meio ambiente urbano temos que englobar todos os elementos da natureza e da sociedade: as ruas, prédios, rios, bosques, árvores etc. No meio ambiente urbano, a sociedade e a natureza devem estar integrados, em equilíbrio, e assim modificando a visão de separação do homem e da natureza. Nessa perspectiva, Swyngedouw (2009, p. 100) expõe a cidade como híbrido:

Não há nada, “puramente” social ou natural na cidade, e ainda menos antissocial ou antinatural; a cidade é, ao mesmo tempo, natural e social, real e fictícia. Na cidade, sociedade e natureza, representação e ser são inseparáveis, mutuamente integrados, infinitamente ligados e simultâneos; essa “coisa” híbrida sócio-natural chamada “cidade” é cheia de contradições, tensões e conflitos.

Assim, a cidade como híbrido é a mistura da sociedade e da natureza, unidas, ao qual não devem ser analisadas separadamente. Portanto, o espaço urbano deve integrar o homem ao meio ambiente satisfazendo as necessidades ecológicas, de lazer e bem-estar, através de espaços públicos.

Para que os espaços livres públicos possam desempenhar satisfatoriamente suas funções é necessário que sejam abordados de forma integrada ao planejamento urbano, as necessidades da população, proporcionando uma integração da natureza com a cultura do ser do humano.

Toda cidade deve oferecer aos seus habitantes espaços públicos destinados ao lazer e que a manutenção desses espaços devem ser contínuas, cabendo ao poder público à construção, e à população sua conservação. Como afirmam Bortoluzzi e Hochheim (2005, p. 1):

Todos os habitantes de uma cidade têm o direito de usufruir dos espaços públicos de lazer. É função do poder público implementar, administrar, equipar e promover a manutenção destas áreas, assim como é função de cada cidadão contribuir para a sua preservação. A existência destes espaços e a acessibilidade da população a eles podem também ser um indicador do nível de qualidade de vida desta população.

É de suma importância que nas cidades sejam oferecidos espaços livres públicos, para o desenvolvimento da sociedade. Haja vista que esses elementos são de certa forma parte do conteúdo necessário dentro do espaço urbano para a afirmação do ser como cidadão.

O espaço público é transformador da dinâmica das cidades, como um espaço integrador da sua população, sendo esse um lugar atrativo de convívio e interação entre todas as pessoas. Para Daroda (2012, p. 18), são os espaços livres da cidade que:

Permitem a interação entre as pessoas o ambiente natural e o ambiente construído, atuando como lugares de encontro e um meio de comunicação social que reflete a diversidade socioespacial da cidade. Os espaços públicos oferecem ao cidadão a possibilidade de usufruir da sua cidade através das práticas sociais, lazer, manifestações da vida urbana e conseqüentemente uma melhor habitabilidade do ambiente urbano.

Na lógica os espaços públicos deveriam se expandir conforme o crescimento das cidades, pois como temos visto, esses espaços proporcionam a melhoria da qualidade de vida para a população, tanto relacionado com as questões ambientais como sociais.

O espaço público deve ser visto como um lugar que vai proporcionar atratividade para as pessoas. O mesmo faz com que as pessoas percebam a cidade, ao simples fato de usufruir desse espaço, vivenciando o local. Segundo Gehl (2013) observar a vida na cidade é uma atração urbana importante, ocorre constantemente quando andamos, paramos ou sentamos. Quando temos lugares atrativos como bancos em praças ou visão de outras atrações como água, árvores, fontes etc., este ato se torna mais possível, e o planejamento de uma cidade que propicie esses momentos fazem parte do esforço para uma boa qualidade de vida. Portanto o espaço público deve ser compreendido como espaço de possibilidades, podendo exercer variadas funções.

Gehl (2013) discorre sobre o que seria “cidade viva”, e o que poderia deixar as cidades mais atrativas e conseqüentemente vivas para seus habitantes, para o autor espaços públicos são indispensáveis para uma cidade viva, a valorização desses espaços é fundamental para a qualidade de vida no ambiente urbano.

Na mesma publicação encontramos a seguinte reflexão sobre o direito da população em usufruir de espaços públicos nas cidades. Rogers no prólogo de Jan Gehl (2013, p. XI):

Todos devem ter o direito a espaços abertos, facilmente acessíveis, tanto quanto têm direito à água tratada. Todos devem ter a possibilidade de ver uma árvore de sua janela, ou de sentar-se em um banco de uma praça, perto de sua casa, com um espaço para crianças, ou de caminhar até um parque em dez minutos. Bairros bem planejados inspiram os moradores, ao passo que comunidades mal planejadas brutalizam seus cidadãos.

Mas o que de fato é espaço público? Diversos autores de várias áreas, como: urbanistas, geógrafos, sociólogos, têm discorrido sobre o conceito de espaço público, no qual tem classificado de inúmeras formas.

Para Magnoli (1982 apud ROSAL, 2008) o conceito de espaço livre é “Todo espaço não ocupado por um volume edificado (espaço-solo, espaço-água, espaço-luz ao redor das edificações e que as pessoas tem acesso).” Seria então definido para autora, como terrenos não edificados e não edificáveis, considerando as formas desses espaços, suas funções, se há existência de cobertura natural e o acesso da população a esses espaços.

Segundo Milano (1992 apud BORTOLUZZY; HOCHHEMEIM 2005) espaço livre pode ser uma área verde quando não é impermeabilizada e/ ou com significante cobertura vegetal, sendo toda área verde um espaço livre.

Já em contraponto, Carneiro e Mesquita (2000) definem espaços livres como:

Áreas parcialmente edificadas com nula ou mínima proporção de elementos construídos—representadas pelas avenidas, ruas, passeios, vielas, pátios, largos, etc. — ou com a presença efetiva de vegetação — de que são exemplos os parques, praças, jardins, etc. — com funções primordiais de circulação, recreação, composição paisagística e de equilíbrio ambiental, além de permitirem a distribuição e a prestação dos serviços públicos, em geral (CARNEIRO; MESQUITA, 2000 apud BORTOLUZZY; HOCHHEMEIM 2005).

Portanto, são áreas que podem ser parcialmente edificadas e não edificadas, as autoras inserem mais um elemento na definição, que é a presença de vegetação, que são primordiais nesses espaços tanto pela estética paisagística, como para o equilíbrio ambiental e qualidade de vida. Para o trabalho utilizou-se deste conceito como um dos principais para definir os Espaços Livres Públicos.

São inúmeras as definições que constituem Espaços Livres Públicos, envolvendo praças, com área verde ou não, áreas verdes etc. No trabalho utilizou-se para definir os espaços livres públicos, áreas restritamente de uso público, independentemente se esses espaços estão em condições para o uso.

Os Espaços Livres Públicos têm diversas funções na cidade. Apesar de nem sempre serem vegetados, não há como negar a importância das áreas verdes para a cidade do ponto de vista da qualidade do ambiente urbano. Em Campina Grande, é possível considerar o Parque do Povo como Espaço Livre Público, mas não é área verde, pois toda sua área é

impermeabilizada. Por outro lado, nessa mesma cidade, o Parque da Criança é um Espaço Livre Público e área verde.

A importância de criação de as áreas verdes urbanas tem sido uma temática bastante discutida entre os estudiosos, devido às necessidades que as mesmas têm para o meio urbano, e seus inúmeros benefícios para a população e o meio ambiente. Como aponta Botelho (2011, p. 99):

A criação de áreas verdes no meio urbano inclui: reflorestamento, especialmente de Áreas de Preservação Permanente (APPs), tanto de cumeadas quanto de margens de rios; criação e ampliação de parques urbanos, arborização urbana; e áreas livres verdes. A criação, ampliação e manutenção dessas áreas propiciam a diminuição do escoamento superficial e o aumento da infiltração da água, contribuindo no equilíbrio hidrológico da bacia e na qualidade ambiental, pois apresentam também função paisagística, de lazer, e de atenuação dos efeitos do clima urbano (formação de “ilhas de calor”) nas grandes cidades.

A passagem acima demonstra a importância que as áreas verdes têm para o ambiente urbano. Além de ser um espaço de uso coletivo e sociabilidade e servir como áreas de lazer para população, os espaços públicos são capazes de proporcionar a melhoria da qualidade de vida para seus habitantes através da manutenção da qualidade ambiental, das características climáticas, da preservação dos recursos hídricos, do contato com espécies vegetais.

Desse modo, percebe-se a importância e a necessidade dessas áreas, mesmo em cidades de porte pequeno ou médio, haja vista, que as cidades estão em constante expansão urbana. Como aponta Hardt (1996, p. 57):

Independente do conceito adotado é indiscutível a importância e o papel que estas áreas desempenham em uma cidade. Esta importância tem crescido e vem sendo valorizada à medida que se verifica o acentuado aumento do número de habitantes das cidades, apontando a urbanização como uma tendência definitiva do homem.

No Plano Diretor de Campina Grande (Lei Complementar Nº 003/2006) já se observa uma preocupação e uma valorização a existência e manutenção dos espaços públicos da cidade. Como podemos ver no Artigo 10 enfocando os incisos I, II, III e IV:

Art. 10. A gestão urbana do Município de Campina Grande tem os seguintes objetivos gerais:

I – ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, **garantindo o direito à cidade sustentável**, nele

abrangido o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e **ao lazer, para as presentes e futuras gerações;**

II – reconhecer a diversidade espacial como elemento da paisagem do Município de Campina Grande;

III – ampliar os espaços públicos e reconhecer sua importância como áreas essenciais para a expressão da vida coletiva;

IV – manter e ampliar os programas de preservação do patrimônio natural e construído e incentivar a sua conservação e manutenção;

Portanto, o Plano Diretor da cidade ter como objetivo ampliar os espaços livres públicos, reconhecer sua importância para a coletividade da cidade, garantir o direito a uma cidade mais sustentável, já é um bom caminho ser encontrado neste instrumento de planejamento da cidade, mas é importante que se tenha a iniciativa da gestão, e uma população que possa cobrar se não estão sendo cumpridos todos esses objetivos.

É inegável a importância que exerce os Espaços Livres Públicos, mas infelizmente nas cidades brasileiras torna-se bastante visível a escassez desses espaços. E quanto aos poucos que existem, falta a manutenção e conservação, sendo muitas vezes abandonados tanto pelo poder público, como também pela própria população, que não vê mais atratividade no espaço. Como afirmam Loboda e De Angelis (2005, p. 137):

Os espaços públicos foram banalizados ou relegados ao esquecimento, quando não a eles lhes conferiram função totalmente diversa. Os espaços ocupados pelas praças, parques públicos, cedem lugar a estacionamentos, ou então passam a ser território de desocupados, prostitutas e toda sorte de miséria humana. As calçadas, tomadas de assalto por camelôs e ambulantes, não permitem o fluir normal de pedestres por esse espaço que a eles pertencem. Os parques, abandonados, transformaram-se em áreas para crescimento natural do mato que a tudo envolve. O cidadão, principalmente aquele de menor ganho aquisitivo, sem poder usufruir desses espaços, vê-se acuado entre o local de trabalho e sua moradia.

São inúmeros os motivos dos espaços livres públicos perderem sua atratividade para a população. Estes espaços estão cada vez mais sendo esquecidos no planejamento e principalmente na gestão dos municípios, que muitas vezes não se preocupam com uma cidade voltada para o bem estar das pessoas, para que possam usufruir de um ambiente agradável, que consigam passar seu tempo livre, se exercitar, conversar, caminhar. O que se percebe é que as cidades estão cada vez mais voltadas para a acomodação dos carros, devido a grande demanda de automóveis que abarcam a maioria das cidades brasileiras e

consequentemente promovem aberturas de grandes vias, criações de estacionamentos etc. Como podemos perceber nas palavras de Gehl (2013, p. 3):

Por décadas, a dimensão humana tem sido um tópico do planejamento urbano esquecido e tratado a esmo, enquanto várias outras questões ganham mais força, como a acomodação do vertiginoso aumento do tráfego de automóveis. Além disso, as ideologias dominantes de planejamento- em especial, o modernismo- deram baixa prioridade ao espaço público, às áreas de pedestres e ao papel do espaço urbano como local de encontro dos moradores da cidade.

Quando o espaço público torna-se um lugar convidativo para as pessoas, esses espaços são vitais para o homem e a para cidade. Para a cidade, porque são espaços que dão vida a cidade. E para o homem porque proporcionará a interação entre as pessoas. Os espaços públicos são espaços destinados ao lazer, mas também ao discurso político, como também de interação da população.

A praça é um espaço público que proporciona essa interação. São espaços fundamentais na configuração urbana. A praça também é um espaço simbólico e lugar de memórias históricas. Como afirma Coulagens (1975 apud CALDEIRA, 2007, p. 13):

A beleza de uma praça é constituída a partir da história que ela carrega, de seu desenho paisagístico e de seu conjunto urbanístico. A integração entre morfologia, estética e apropriação é que permite a formação de praças, como espaços simbólicos, lugares de memória, alma da cidade. Na antiguidade as cidades se formavam a partir dos seus espaços de convivência. Pertencer à cidade, ser cidadão, em habitar os lugares de reunião, era compartilhar o culto, participar das assembleias, assistir as festas, acompanhar as procissões, vivenciar os espaços da vida pública. A praça simbolizava a própria cidade, pois era nesse espaço que as atividades cotidianas se desenvolviam.

A ideia de pertencimento está diretamente ligada à noção de apropriação dos espaços públicos, tema presente em trabalhos acadêmicos, como Serpa (2009) e Gomes (2002) que analisam o espaço público a partir dessa perspectiva. Apesar de ser uma abordagem cada vez mais presente nos estudos de geografia urbana, nesta pesquisa não trabalharemos a dimensão da apropriação dos espaços públicos da cidade.

No próximo capítulo apresentaremos os principais Espaços Livres Públicos na constituição urbana da cidade de Campina Grande e a metodologia adotada para a pesquisa.

2 CAMPINA GRANDE: SEUS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS E A EVOLUÇÃO URBANA DA CIDADE

2.1 A evolução de Campina Grande e seus Espaços Livres Públicos

O município de Campina Grande se localiza no Agreste da Borborema do Estado da Paraíba, na região Nordeste.

Segundo Diniz (2011) Campina Grande é uma das localidades mais antigas do interior do Estado da Paraíba, sua origem é creditada ao aldeamento dos índios Ariús, da tribo Cariri, liderados pelo capitão-mor Teodósio de Oliveira Lêdo, em 1697. Em 1790, foi elevada à condição de Vila, chamada de Vila Nova da Rainha, já em 1864 foi elevada a categoria cidade, passando a se chamar Campina Grande.

Devido a sua posição geográfica, interligou o sertão ao litoral servindo de passagem para os viajantes (tropeiros) que vinham dos sertões para as cidades litorâneas. Como afirma Diniz (2011, p. 22):

Campina Grande corresponde a um destes inúmeros povoados que nasceram e consolidaram a conquista dos Sertões. Caracterizada como ponto de cruzamento de importantes estradas vindas de distantes regiões, a cidade tornou-se, portanto, ponto de passagem dos comerciantes de gado e cereais, dos tropeiros, que por ali passavam com suas tropas de burros, muars, boiadas, vindos dos Sertões dos Estados do Ceará, Pernambuco, Rio Grande do Norte e até do Piauí, com destino aos centros urbanos litorâneos, como Recife.

Na metade do século XVIII, o algodão se tornava o produto mais comercializado e produzido da região, ocasionando transformações espaciais bastante significativas. Para Andrade (1987 apud DINIZ, 2011, p. 33), “o ciclo do algodão, desenvolvido a partir da segunda metade do século XVIII, transformou os caminhos de gado em caminhos de algodão”. Gerando assim um enorme dinamismo comercial e crescimento da cidade.

Segundo Diniz (2011) Campina Grande, em 1907, conhece o início do seu desenvolvimento e progresso técnico, com o prolongamento da linha ferroviária da cidade de Itabaiana interligando as duas cidades. Tornando-se Campina Grande em um importante centro de referência no Nordeste do Brasil.

Desde então, Campina Grande vem passando por um rápido processo de desenvolvimento e crescimento, com diversas atividades comerciais, e assim aumentando sua população. Devido ao intenso crescimento populacional, a cidade foi marcada por inúmeras mudanças em seu espaço urbano ao longo dos anos, com significativa expansão

da sua malha e forma urbana, se desenvolvendo com déficit de planejamento, gerando a ocupação das margens dos seus riachos.

Campina Grande sofria com os recursos hídricos limitados, ocasionando a criação de reservatórios a partir das águas dos riachos que cortam a cidade, até o início do século XX, viabilizando as atividades econômicas como os curtumes, bastante presente na cidade, e as fábricas têxteis, assim como para o consumo humano. Assim, surgiram os Açudes Velho, Novo e de Bodocongó.

O Açude Velho, segundo Lima et al. (2013), foi o primeiro reservatório a atender a cidade de Campina Grande, construído a partir do barramento do leito do Riacho das Piabas. Sua inauguração ocorreu em 1830, tornando-se naquele momento o maior reservatório público do Planalto da Borborema.

Com o passar dos anos as demandas da população aumentaram e assim os recursos hídricos de Campina Grande não conseguiam mais atender as necessidades de consumo. E assim construíram reservatórios localizados em outros municípios do estado. Como no município de Areia o Açude Vaca Brava, no município de Boqueirão o Açude Epitácio Pessoa (Boqueirão) sendo este o principal reservatório que abastece a cidade.

Como seus reservatórios de água dentro de sua malha urbana foram substituídos pelos reservatórios distantes em outros municípios, os Açudes Velho, Novo e de Bodocongó receberam outra utilidade. Transformaram-se em parques, áreas destinadas a práticas de esporte, lazer e cultura.

A natureza planáltica do sítio geográfico de Campina Grande não permite o desenvolvimento de rios caudalosos, pois os corpos d'água que aqui passam estão em seu momento inicial de alto curso. Os rios da cidade são chamados de riachos, pois o volume é pouco expressivo. Assim, temos poucos Espaços Livres Públicos relacionados à presença da água, tão comum em cidades litorâneas. O que há de mais significativo, o Açude Velho, resulta da ação humana no barramento do Riacho das Piabas. Mesmo assim, outro tipo de cidade poderia ter sido construída considerando os espaços de margens desses riachos ao prover a cidade de um maior contato com elementos marcantes do seu ambiente natural.

No Açude Novo totalmente assoreado, transformado em parque nos anos de 1970 instalaram o Museu de Artes. Mais abaixo onde se localizava a delimitação do Açude Novo encontra-se o Parque do Povo, totalmente impermeabilizado, é utilizado para os eventos festivos da cidade como o “Maior São João do Mundo”.

O Açude velho tornou-se um dos principais cartões postais de Campina Grande, ainda hoje uma das regiões mais valorizadas da cidade é o seu entorno, sendo um importante Espaço Livre Público. Sua extensão de calçada é utilizada para práticas de atividades físicas, lazer e recentemente vem oferecendo uma opção cultural, com a construção do Museu do Artista Popular, sobre as águas do açude, obra do arquiteto Oscar Niemeyer. Concentram em suas proximidades os principais eventos festivos e vem passando por intenso processo de verticalização em suas margens.

Segundo Queiroz (2008), nas décadas de 1930 e 1940, Campina Grande passou por um processo de reformulação do seu espaço físico urbano, traçados nos ideais do higienismo, circulação e embelezamento provenientes do lema “Progresso, Modernidade e Beleza”. As reformas desenvolvidas a partir de então foram responsáveis principalmente pela abertura, alargamento e pavimentação das vias, construção de praças e arborização, instalação de sistemas de coleta de esgotos, abastecimento de água e separação de classes sociais. Tais medidas privilegiaram efetivamente as áreas centrais e bairros considerados de elite, os bairros mais afastados e a zona rural continuaram crescendo sem acesso a infraestrutura. Mesmo com uma reforma segregadora, esse momento foi importante para a manutenção de espaços públicos no centro da cidade, nas praças já existentes.

Em 1990, houve o declínio da indústria de couro e Campina Grande possuía uma grande quantidade de curtumes que faziam o beneficiamento do couro. A crise neste segmento ocasionou o fechamento dos grandes curtumes da cidade.

Em 1993, é construído o Parque da Criança, no mesmo espaço onde se localizava um grande curtume. Até hoje este é o mais importante espaço público destinado ao lazer na cidade. Situado em uma área que hoje é de grande valor imobiliário, ao lado do Açude Velho, arborizado, contendo espaços para práticas de esportes, exercícios físicos e lazer. O Parque da Criança é um bom exemplo do que Debié (1992 apud SERPA, 2009, p. 43) afirma:

Eles não são concebidos apenas como “espaços verdes públicos”, mas como elementos emblemáticos de operações de urbanismo, que substituem áreas de perfil operário e popular por novos bairros onde os escritórios e os complexos residenciais de alto padrão passam a dominar a paisagem.

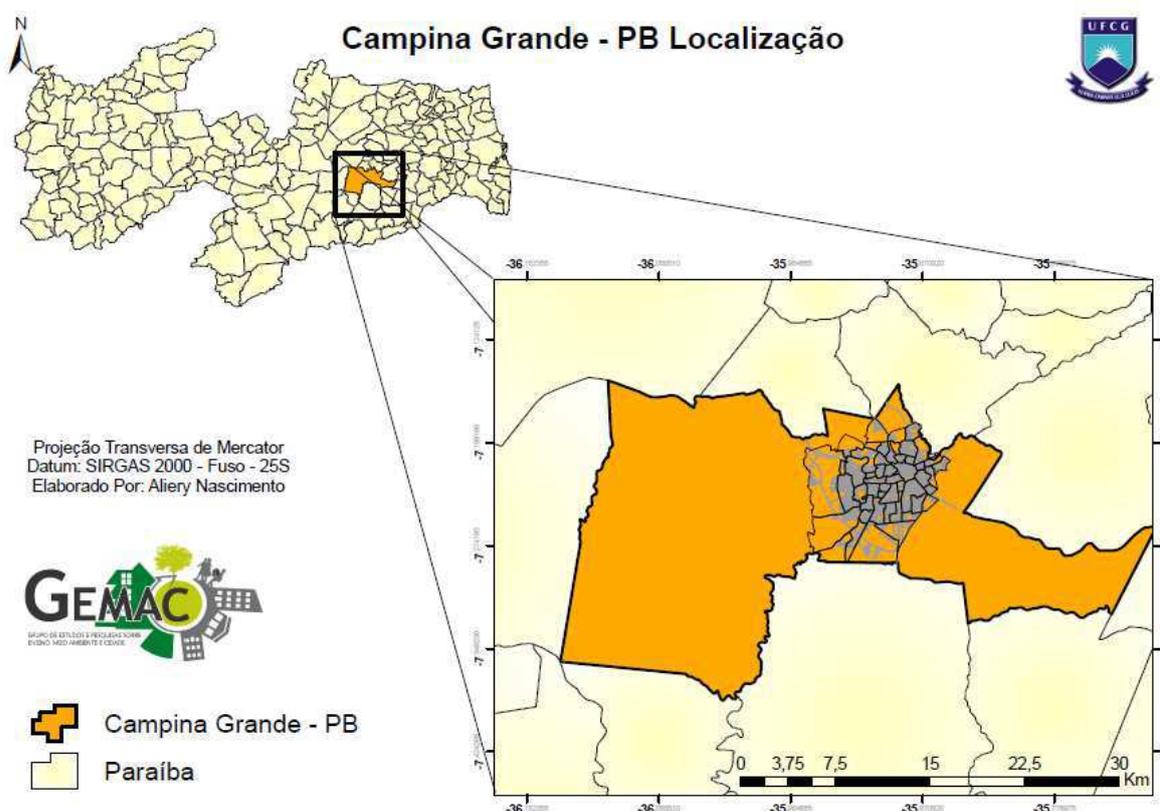
Assim, a área do Parque da Criança, antes fabril, torna-se uma grande obra, numa área bastante valorizada, ao lado do cartão postal da cidade, o Açude Velho, ao qual tem suas margens dominadas por prédios.

Campina Grande hoje é reconhecida como um polo econômico, industrial e tecnológico, caracterizando-se como uma cidade que exerce enorme importância para o estado e grande influência para inúmeras cidades circunvizinhas.

2.2 Caracterização da área de estudo

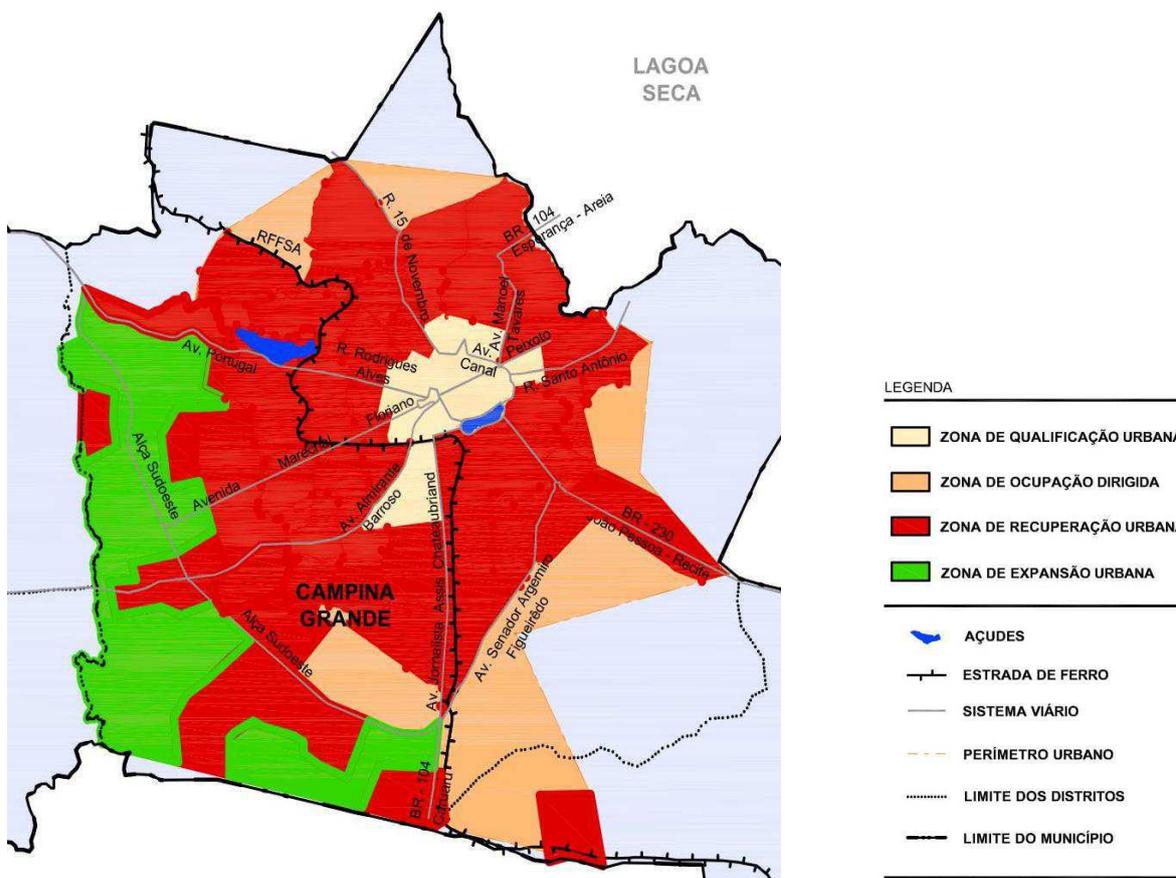
O município de Campina Grande (Mapa 1) ocupa atualmente uma área de 594,182 Km² e sua população estimada é de 385.213 habitantes, segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010). Está situado a uma altitude de aproximadamente 550m acima do nível do mar, distante 130 km de João Pessoa, capital do estado da Paraíba.

Mapa 1: Localização de Campina Grande



O tecido urbano do município é composto por 49 bairros. Na revisão do Plano Diretor de Campina Grande instituída pela Lei Complementar nº 003, de 09 de Outubro de 2006, foi apresentado um novo Zoneamento para a Zona Urbana do município de Campina Grande (Figura 02), dividindo em quatro zonas: Zona de Qualificação Urbana; Zona de Ocupação Dirigida; Zona de Recuperação Urbana e a Zona de Expansão Urbana.

Figura 1: Zoneamento de Campina Grande (Plano Diretor Lei nº 003/2006)



Fonte: Plano Diretor de Campina Grande Lei Complementar nº 003/2006).

Para o trabalho foi delimitada a área de estudo, a Zona de Qualificação Urbana que segundo o Plano Diretor municipal (Lei Complementar nº 003/2006), “caracteriza-se por usos múltiplos, sendo possível a intensificação do uso e ocupação do solo, em virtude de as condições físicas serem propícias e a da existência de infraestrutura urbana consolidada.” (Campina Grande, 2006). Como podemos ver no mapa (Figura 1) a Zona de Qualificação Urbana é composta pelos bairros que estão concentrados na região central da cidade.

A Zona de Qualificação Urbana apresenta, segundo o Plano Diretor (Lei Complementar nº 003/2006), os seguintes objetivos:

Art. 15 (...)

I – ordenar o adensamento construtivo, permitindo o adensamento populacional onde este ainda for possível, como forma de aproveitar a infra-estrutura disponível;

II – evitar a saturação do sistema viário;

III – ampliar a disponibilidade de equipamentos públicos, os espaços verdes e de lazer.

Como podemos ver nos inciso acima, um dos objetivos propostos no plano diretor direcionam a ampliação de espaços verdes e de lazer, enfatizando nessa área além dos objetivos gerais do plano diretor presentes no Art. 10 citado anteriormente no trabalho.

2.3 Metodologia

As etapas descritas a seguir demonstram os procedimentos adotados para a caracterização dos Espaços Livres Públicos e o raio de influência desses espaços para a população na área delimitada para o estudo.

2.3.1 Caracterização dos Espaços Livres Públicos

Primeiramente para este trabalho delimitou-se como área de estudo a Zona de Qualificação Urbana, definida pelo Plano diretor de Campina Grande. Para o trabalho considerou-se apenas os espaços livres de domínio público na área delimitada para o estudo, ou seja, não foram considerados os espaços privados. Para o trabalho seguiu-se a proposta por Bortoluzzy e Hochhemeim (2005, p. 603) dividindo-se os espaços livres públicos em dois grupos:

GRUPO I - Espaços livres do sistema viário ou área verde do sistema viário (AVVs), que apresentam vegetação arbórea ou herbácea e que foram passíveis de mapeamento na escala utilizada (1:10000).

GRUPO II - Espaços livres de lazer ou uso coletivo ou área de lazer públicas (ALPs), que são áreas abertas à população em geral, sob condições pré-estabelecidas pelo poder público, incluídos neste grupo, os parques, praças, largos, etc.

Portanto, para este trabalho, consideraram-se os Espaços Livres Públicos como: “uma área livre de edificações, impermeabilizada ou com cobertura vegetal, sendo área de uso coletivo para o lazer ativo e passivo, apresentando valor funcional, social e estético. O valor ambiental é relativo e variável, mas não fundamental” (BORTOLUZZY; HOCHHEMEIM, 2005, p. 604).

Para a classificação de cada Espaço Livre Público utilizou-se de metodologia adaptada para o trabalho, baseado em diversos autores, como Bortoluzzy e Hochhemeim (2005), e Fonte e Shimbo (2003), que determinam a classificação conforme a área do em metros quadrados (m²).

É importante ressaltar que Bortoluzzi e Hochhemein (2005) utilizaram as categorias de Espaços Livres Públicos baseadas no Plano Diretor da Cidade de Florianópolis. Como o Plano Diretor da Cidade de Campina Grande não define nenhuma nomenclatura para os ELP decidiu-se basear na classificação dos autores, assim como adotando modificações propostas por outros autores como Fonte e Shimbo (2003). Portanto as categorias para a classificação dos Espaços Livres Públicos neste trabalho foram:

Quadro 1: Categorias para classificação dos Espaços Livres Públicos

CATEGORIA	ÁREA MÍNIMA
Áreas associadas ao sistema viário	Até 500 m ² ¹
Parque de Vizinhança	500 a 2.000 m ²
Jardim	2.000 a 10.000 m ²
Praça	10.000 a 30.000 m ²
Parque de Bairro	30.000 a 150.000 m ²

Fonte: Adaptado de Bortoluzzi e Hochhemein (2005).

No caso deste estudo, o mapeamento dos Espaços Livres Públicos de Campina Grande foi feito a partir da utilização de imagem do software Google Earth 19/04/2015 e do programa de georreferenciamento Arc Gis 9.3². Optou-se neste momento em fazer esse mapeamento apenas da área central da cidade contidos na Zona de Qualificação Urbana, na qual encontram-se os bairros: Centro, Liberdade, São José, Prata, Conceição, Lauritzen e Santo Antônio.

A partir desse mapeamento, foi produzida a tabela de atributos (Figura 2) com todos os ELP, contendo o nome, a área em metros quadrados e qual a categoria em que o espaço se enquadra, considerando o que foi apresentado no Quadro 1.

¹ Alguns canteiros centrais encontrados em importantes vias de Campina Grande, como no caso da Avenida Floriano Peixoto, somaram mais de 500 m². Mesmo assim, optamos por manter esses ELP na categoria de Áreas Associadas ao Sistema Viário.

² Licenciado para o LabInfo-CH-UFCG

Figura 2: Tabela de atributos dos Espaços Livres Públicos

FID	Shape *	Id	Nome	Area	Caracteriz	Categoria
45	Polygon	0	Canteiro central R. Raimundo Alves da Silva	151,78436	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
19	Polygon	0	Canteiro central Dom Pedro I	157,85801	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
38	Polygon	0	Trevo rua Josefa Tomas (Ponta da área)	173,00884	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
23	Polygon	0	Canteiro central Dom Pedro I	181,05231	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
43	Polygon	0	canteiro Liberdade	194,18223	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
72	Polygon	0	Canteiro central floriano peboto	208,93941	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
5	Polygon	0	Canteiro da Praça da Bandeira	213,61922	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
17	Polygon	0	Praça perto da gráfica de faixa	236,01495	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
50	Polygon	0	Canteiro central R. Raimundo Alves da Silva	238,70238	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
42	Polygon	0	canteiro liberdade	239,97193	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
95	Polygon	0	Canteiro central Rua do Alfredo Dantas	266,13516	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
9	Polygon	0	estatuas do luiz gonzaga	268,3947	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
44	Polygon	0	Canteiro central R. Raimundo Alves da Silva	278,13001	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
70	Polygon	0	trevo do vitrola	283,85595	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
30	Polygon	0	Canteiro Central da Floriano Peboto	285,43193	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
33	Polygon	0	Trevo da frete do Hiper	292,87488	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
78	Polygon	0	Canteiro floriano peboto	309,56041	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
35	Polygon	0	Canteiro Final da Epitácio Pessoa	316,27605	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
29	Polygon	0	Canteiro Central da Floriano Peboto	318,12219	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
67	Polygon	0	Trevo na rua João Pessoa	340,60559	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
34	Polygon	0	Praça final da Epitácio Pessoa	359,72799	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
31	Polygon	0	Canteiro Central da Floriano Peboto	395,79534	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
28	Polygon	0	trevo floriano peboto	425,30363	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
94	Polygon	0	Canteiro central açude velho	540,50289	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
10	Polygon	0	Continuação da praça do trabalho	564,18182	GRUPO II	Parque de Vizinhança
26	Polygon	0	Canteiro central floriano peboto	633,99299	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
12	Polygon	0	Praça Sebastião Ernesto	707,20587	GRUPO II	Parque de Vizinhança
69	Polygon	0	Praça calçadão da cardoso vieira	727,01065	GRUPO II	Parque de Vizinhança
76	Polygon	0	Canteiro floriano peboto	729,35551	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
15	Polygon	0	Praça Alfredo Dantas	731,66978	GRUPO II	Parque de Vizinhança
16	Polygon	0	Praça que passa o 500	856,89857	GRUPO II	Parque de Vizinhança
37	Polygon	0	Trevo do viaduto	994,83449	GRUPO II	Parque de Vizinhança
77	Polygon	0	Praça canal zé pinheiro	1093,46827	GRUPO II	Parque de Vizinhança
39	Polygon	0	Pracinha Liberdade	1139,65871	GRUPO II	Parque de Vizinhança
27	Polygon	0	Canteiro central floriano peboto	1217,55472	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
6	Polygon	0	Praça Coronel Antonio Pessoa	1833,17413	GRUPO II	Parque de Vizinhança
87	Polygon	0	Canteiro Canal Zé Pinheiro	2040,09093	GRUPO II	Jardim
13	Polygon	0	Praça Felix Araújo	2933,77508	GRUPO II	Jardim
36	Polygon	0	Praça quadra Hilton Motta	3287,46408	GRUPO II	Jardim
4	Polygon	0	Praça da Bandeira	3618,14931	GRUPO II	Jardim
8	Polygon	0	Rotatoria do Viaduto Elpidio de Almeida	3962,39446	GRUPO I	Áreas associadas ao sistema viário
7	Polygon	0	Praça do trabalho	4168,61775	GRUPO II	Jardim
1	Polygon	0	Praça FIEP	4456,36422	GRUPO II	Jardim
40	Polygon	0	Praça evanilson Meneses	5157,1093	GRUPO II	Jardim
11	Polygon	0	Praça do Rosário	5539,9552	GRUPO II	Jardim
3	Polygon	0	Praça Clementino Procópio	6969,16942	GRUPO II	Jardim
0	Polygon	0	Áçude Novo	38457,7256	GRUPO II	Parque de Bairro
2	Polygon	0	Parque do Povo	40344,04804	GRUPO II	Parque de Bairro
71	Polygon	0	Áçude Velho	44733,79067	GRUPO II	Parque de Bairro
41	Polygon	0	Parque da criança	55973,2404	GRUPO II	Parque de Bairro

Fonte: Elaboração própria (2015)

Após a realização da identificação e mapeamento dos ELP, realizamos visita em cada um dos ELP para identificação da sua situação e realização de registro fotográfico.

2.3.2 Raios de Influência dos Espaços Livres Públicos categorizados

Nesta etapa, também baseada nas propostas apresentadas por Bortoluzzy e Hochhemein (2005) com adaptações para a área de estudo, foi calculado o raio de influência dos Espaços Livres Públicos das categorias: Parque de Vizinhança, Jardim e Parque de Bairro, através da ferramenta Buffer do programa de georreferenciamento Arc Gis 9.3. “Os raios de influências é uma medida máxima hipotética provável de uma pessoa caminhar para atingir um ponto de interesse” (Bortoluzzy e Hochhemein, 2005, p. 607). As

linhas dos buffers definem, portanto, as áreas potencialmente atendidas por cada um dos Espaços Livres Públicos.

Considerando as categorias “Parque de Vizinhança” e “Jardim”, utilizaram-se os parâmetros mínimos de 200 metros de distância dos ELP listados. Esses valores são apresentados por Bortoluzzi e Hochhemein (2005) e foram utilizados aqui sem considerar a variação do tamanho de cada ELP.

Para os “Parques de Bairro” foram definidos os raios de influência proporcionalmente às áreas de cada um dos ELP listados, conforme indicação também apresentada pelos autores citados à cima. Assim, os raios de influência dos Parques de bairro variaram entre 1000 metros e 1500 metros de distância.

3. CARACTERIZAÇÃO DOS ESPAÇOS LIVRES PÚBLICOS DA ZONA DE QUALIFICAÇÃO URBANA DE CAMPINA GRANDE

3.1 Classificação dos Espaços Livres Públicos

Os resultados apresentados a seguir revelam, inicialmente, a classificação dos Espaços Livres Públicos da Zona de Qualificação Urbana de Campina Grande (Quadro 2). Em seguida, apresenta-se uma análise da distribuição espacial dos ELP, assim como verificando se possui infraestrutura básica e o raio de influência desses espaços para a população. É válido ressaltar que durante a realização da delimitação da área de estudo, percebeu-se que o ELP de grande influência da cidade, o Parque da Criança, fica fora da Zona trabalhada, porém acreditando-se que o Parque da Criança ainda está dentro da área central de Campina Grande, por questão mínima de área de diferença, decidiu-se incluí-lo, classificando-o conforme sua extensão de área.

A primeira etapa, e uma das mais importantes da pesquisa, consistiu no enquadramento das áreas mapeadas nos dois grupos definidos, Grupo I (Espaços livres do sistema viário) e Grupo II (Espaços livres de lazer ou uso coletivo), o qual possibilitou a construção de um primeiro perfil dos espaços livres públicos na área estudada.

Os grupos se dividiram em: Grupo I, espaços livres do sistema viário totalizando uma área de 17.758m², e o Grupo II correspondendo aos Espaços Livres Públicos de lazer ou uso coletivo com ocorrência em área de 225.324m². O quadro a seguir exhibe os espaços livres públicos encontrados na Zona de Qualificação Urbana, sua área em m², a categoria e grupo ao qual pertencem:

Quadro 2: Relação dos Espaços Livres encontrados, com suas respectivas categorias, áreas e grupos

CÓD.	ESPAÇOS LIVRES PUBLICOS	ÁREA	CATEGORIA	GRUPO
1	Praça do Trabalho (Continuação)	564	Parque de Vizinhança	GRUPO II
2	Praça Sebastião Ernesto	707	Parque de Vizinhança	GRUPO II
3	Calçadão da Cardoso Vieira	727	Parque de Vizinhança	GRUPO II
4	Praça Alfredo Dantas	731	Parque de Vizinhança	GRUPO II
5	Praça Otoni Barreto	856	Parque de Vizinhança	GRUPO II
6	(Sem identificação) Canal/Santo Antônio	1.093	Parque de Vizinhança	GRUPO II
7	Praça Ubiratan de Moraes	1.139	Parque de Vizinhança	GRUPO II
8	Praça Coronel Antônio Pessoa	1.833	Parque de Vizinhança	GRUPO II
9	Praça Canal José Pinheiro/Santo Antônio (Sem identificação)	2.040	Jardim	GRUPO II
10	Praça Félix de Araújo	2.933	Jardim	GRUPO II
11	Praça quadra Hilton Motta	3.287	Jardim	GRUPO II
12	Praça da Bandeira	3.618	Jardim	GRUPO II
13	Praça do Trabalho	4.168	Jardim	GRUPO II
14	Praça Professor Lopes de Andrade (Praça FIEP)	4.456	Jardim	GRUPO II
15	Praça Evanilson Meneses	5.157	Jardim	GRUPO II
16	Praça Nossa Senhora do Rosário	5.539	Jardim	GRUPO II
17	Praça Clementino Procópio	6.969	Jardim	GRUPO II
18	Parque Açude Novo	38.457	Parque de Bairro	GRUPO II
19	Parque do Povo	40.344	Parque de Bairro	GRUPO II
20	Açude Velho	44.733	Parque de Bairro	GRUPO II
21	Parque da Criança	55.973	Parque de Bairro	GRUPO II
22	Praça Lauritzen	130	Áreas associadas ao sistema viário	GRUPO I
23	Praça Rosil Cavalcante	130	Áreas associadas ao sistema viário	GRUPO I
24	Praça João Rique	359	Áreas associadas ao sistema viário	GRUPO I
25	Canteiros centrais, rotatórias.	17.139	Áreas associadas ao sistema viário	GRUPO I
TOTAL		243.082		

Fonte: Elaboração própria (2015).

Foram identificadas 17.758m² de áreas associadas ao sistema viário com características para a inclusão no GRUPO I, rotatórias, trevos e canteiros centrais. Para esse grupo foi levado em consideração a sua dimensão, mas também suas características de estarem associadas ao sistema viário. Estão presentes, portanto neste grupo, espaços livres públicos denominados pela Poder Público Municipal como “praças”, mas que não possui nenhum tipo de atrativo para o lazer e o convívio social.

A Praça João Rique (Figura 3) com 359 m², embora tenha esse nome, apresenta sua estrutura com características de canteiro central. Afinal, a ausência de bancos e a presença apenas do monumento em homenagem a João Rique e vegetação arbustiva não nos aproxima daquilo que pensamos como praça.

Por outro lado, a “Praça Lauritzen” (Figura 4) localizada no bairro Centro, foi caracterizada como área associada ao sistema viário devido a sua extensão de apenas 130 m². O que chama atenção na praça é que parece ser apenas uma extensão da calçada do Centro Comercial Cristiano Lauritzen, com dois bancos e um pinheiro.

Figura 3: Praça João Rique



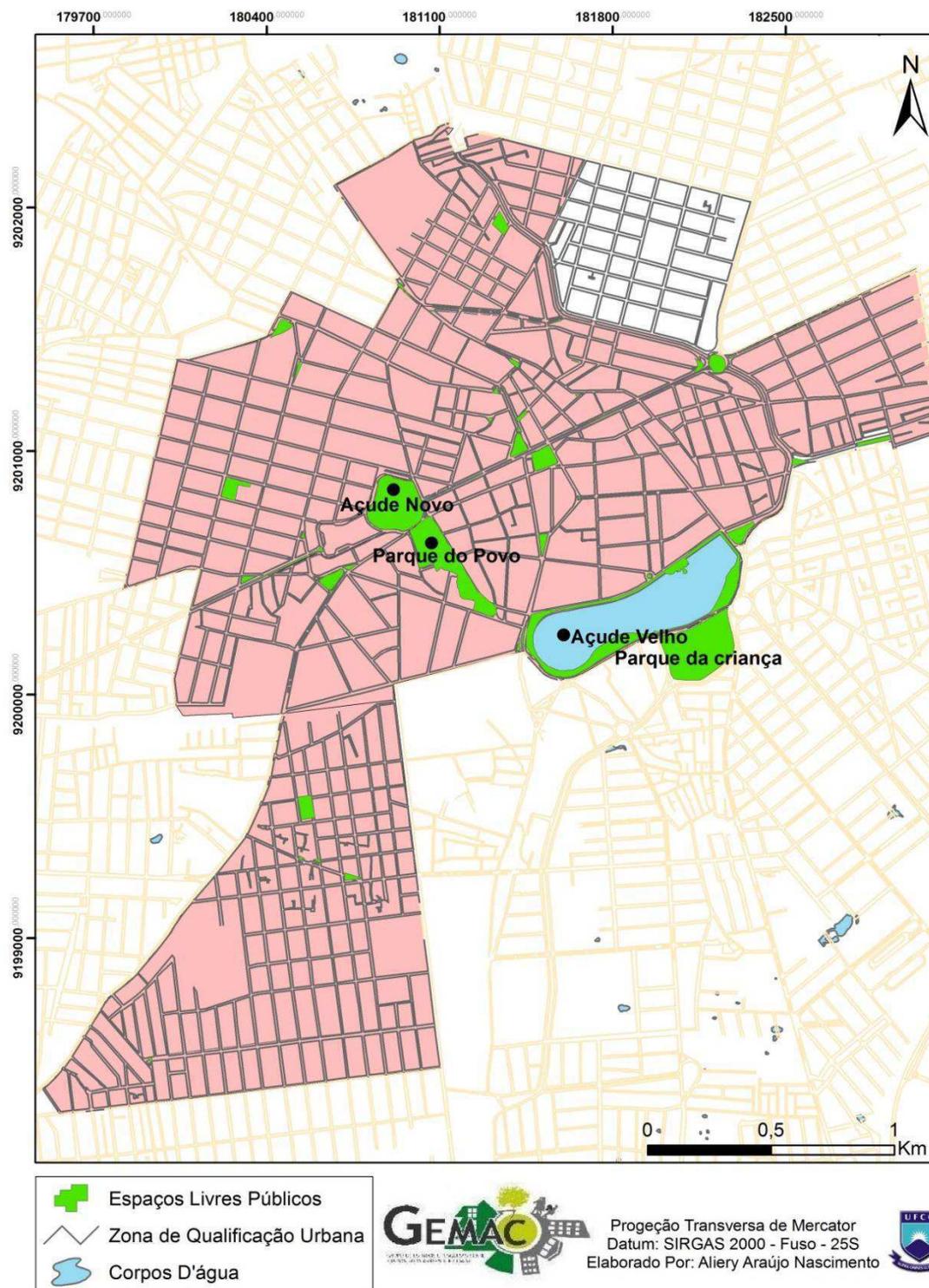
Figura 4: Praça Lauritzen



Fonte: Elaboração própria (2015).

Além desses ELP, associados ao sistema viário, nos debruçaremos sobre a análise daqueles espaços que apresentam maior importância do ponto de vista da qualidade do ambiente urbano por promoverem o convívio social, espaços de lazer e de práticas de esporte. Os Espaços Livres Públicos classificados no GRUPO II que correspondiam às categorias: Parque de Vizinhança (500 a 2000 m²), Jardim (2.000 a 10.000 m²), Praça (10.000 a 30.000 m²) e Parque de Bairro (30.000 a 150.000 m²) somaram um total de 225.324 m² (Mapa 2).

Mapa 2: Bairros na Zona de Qualificação Urbana com Espaços Livres Públicos



Ao analisarmos o mapa dos Espaços Livres Públicos da Zona de Qualificação Urbana de Campina Grande (Mapa 2), percebemos que este último, o bairro Lauritzen não

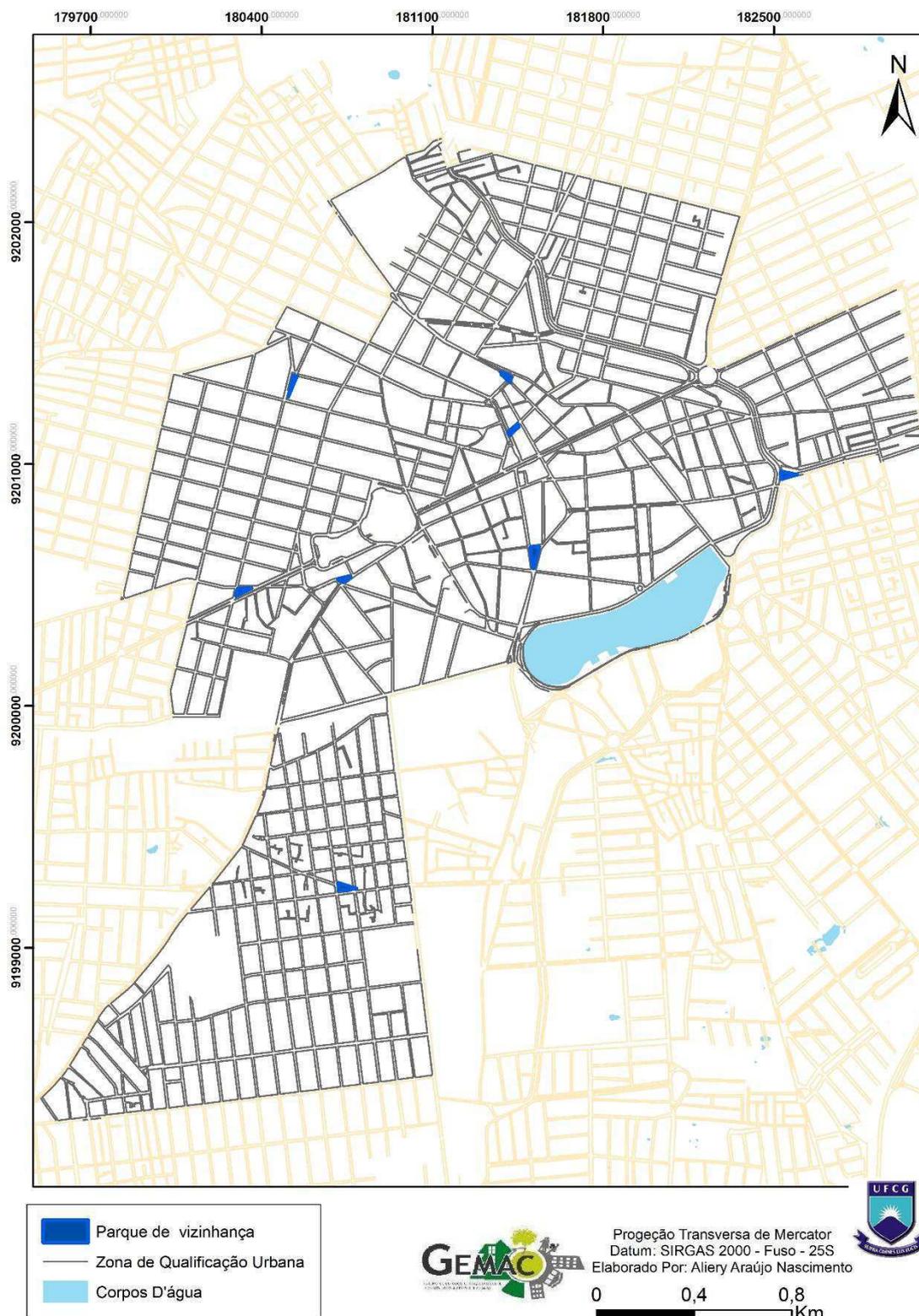
possui nenhum Espaço Livre Público, em qualquer que seja os grupos que foram classificados, demonstrando a necessidade de ampliação desse tipo de espaço dentro deste bairro. Todos os outros bairros (Centro, São José, Liberdade, Santo Antônio, Conceição, Prata) contidos nesta área possuem ELP. Alguns deles, inclusive, são referências para a dinâmica cotidiana da cidade de Campina Grande. A Praça da Bandeira, como palco dos principais movimentos políticos e artísticos da cidade. O Parque do Povo e o reconhecimento nacional da realização do maior São João do Mundo. O Açude Velho, com seu espelho d'água e suas margens sendo apresentados como principal cartão postal campinense. O Parque da Criança e o encontro de gerações na prática de exercícios e brincadeiras ao ar livre.

Podemos perceber ainda, que as maiores concentrações dos Espaços Livres Públicos estão no bairro Centro, e sabendo que os maiores estão na área central, nos remetendo as construções nos anos de 1930 e 1940, traçados nos ideais do higienismo e embelezamento da cidade que privilegiaram essas áreas.

Embora o estudo tenha sido aplicado numa área central, devemos considerar um possível levantamento e análises desses espaços nas áreas periféricas da cidade. Esse levantamento pode inferir sobre a necessidade de ELP no restante da cidade, vista a enorme importância que esses espaços exercem para a qualidade de vida da população urbana.

Para melhor apresentação de cada um dos ELP identificados no Grupo II, iremos expor algumas características de acordo com as categorias identificadas: Parques de Vizinhança; Jardim e Parque de Bairros. Cabe aqui destacar que das categorias apresentadas anteriormente no Quadro 1 (Capítulo 2), apenas a categoria Praça não teve nenhum ELP incluído, pois não há na área de estudo nenhum ELP com área entre 10.000 m² e 30.000 m².

Iniciaremos nossa apresentação pela categoria Parque de Vizinhança (Mapa 3). Nesta categoria tivemos a ocorrência de 8 (oito) parques somando uma área de 7.650 m² correspondendo 3,39 % do total dos espaços livres públicos. Em nenhum desses Parques de Vizinhanças foi encontrado equipamentos destinados à recreação infantil e equipamentos direcionados a prática de esporte.

Mapa 3: Espaços Livres Públicos: Parques de Vizinhança

Os Parques de Vizinhança são:

- Praça Sebastião Ernesto – Bastante arborizada, com blocos para sentar;
- Praça do Trabalho (continuação) – Corresponde a um trecho da Praça do Trabalho, que foi dividida por uma rua que a corta;
- O Calçadão (Figura 5) – Localizado na Rua Cardoso Vieira, apresenta uma área de convivência sempre intensa, de relações econômicas, culturais e sociais, sua estrutura não oferece conforto, mas apresenta arborização e alguns blocos para sentar;
- Praça Alfredo Dantas (Figura 6) – Bastante arborizada, com bancos para sentar;
- Praça Otoni Barreto – Também arborizada, com blocos e alguns bancos para sentar;
- Canteiro Canal/Santo Antônio/José Pinheiro (Sem identificação) – Fica entre os bairros de Santo Antônio e José Pinheiro, apresenta arborização, blocos para sentar;
- Praça Ubiratan de Moraes – Apresenta arborização e blocos para sentar;
- Praça Coronel Antônio Pessoa – Apresenta as mesmas características das demais, com arborização, bancos e blocos para sentar.

Figura 5: Calçadão da Cardoso Vieira



Figura 6: Praça Alfredo Dantas

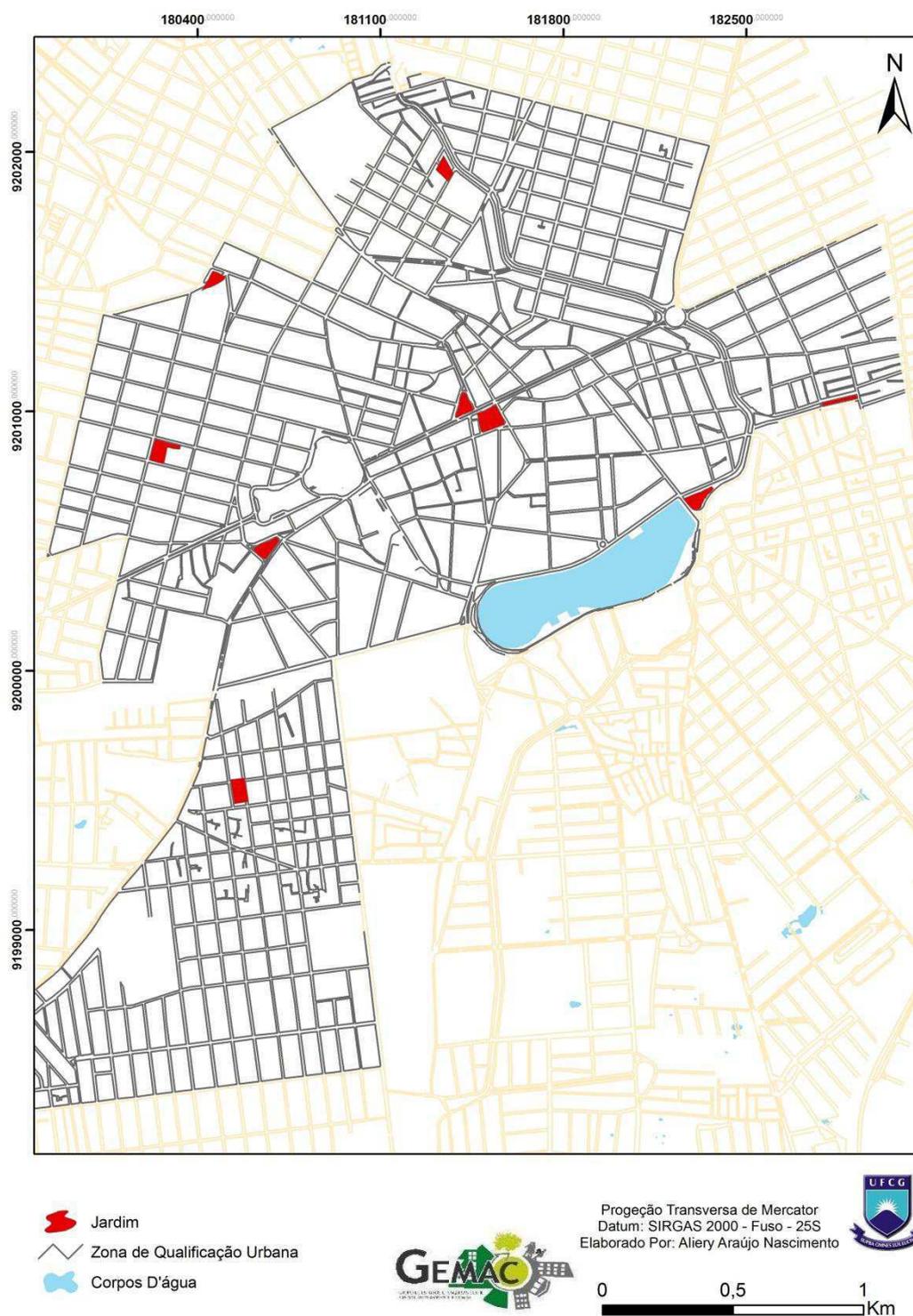


Fonte: Elaboração própria (2015).

Em seguida, na categoria Jardim (de 2.000 a 10.000 m²) foram incluídos 9 (nove) espaços públicos somando 38.167m² correspondente a 16,93% do total de Espaços Livres

Públicos (Mapa 4). Os ELP que foram classificadas nesta categoria possuem características diferentes uns dos outros.

Mapa 4: Espaços Livres Públicos: Jardim



Os Jardins identificados foram:

- Praça Felix Araújo (Figura 7) – É arborizada e possui blocos para sentar, sua estrutura está carente de manutenção;
- Praça Antônio Evanilson Meneses (Figura 8) – Possui uma quadra de esporte e uma academia popular, além de bancos e arborização;
- Praça Hilton Mota – É arborizada possui uma quadra de esportes e blocos para sentar;
- Praça da Bandeira – É arborizada, possui blocos para sentar, é uma das praças mais conhecidas da cidade, recebendo grande número de pessoas, seja de permanência ou que só passam por ela;
- Praça do Trabalho – É arborizada e possui blocos e bancos para sentar;
- Professor Lopes de Andrade-Praça FIEP (Figura 9) teve recentemente sua estrutura reformada e importantes modificações que são discutidas adiante.
- Praça Nossa Senhora do Rosário – é arborizada, e possui equipamentos para a recreação infantil e bancos;
- Praça Clementino Procópio – possui equipamentos para recreação infantil, é bastante arborizada, possui bancos e blocos para sentar;
- Praça no Canal (sem identificação). A Praça fica na cobertura do canal, entre os bairros de Santo Antônio e José Pinheiro, é arborizado, com bancos e barras para prática esportiva.

Figura 7: Praça Félix Araújo



Figura 8: Pç. Antônio Evanilson Meneses



Fonte: Elaboração própria (2015).

Dentre estes, o Espaço Livre Público Professor Lopes de Andrade (Figura 9) conhecida popularmente como Praça da FIEP por se localizar logo em frente ao prédio da Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP), passou recentemente por um reforma na sua estrutura em 2014, com recursos próprios do Município, em uma ação por meio das Secretarias de Serviços Urbanos e Meio Ambiente (SESUMA) e Obras segundo o site da prefeitura municipal de Campina Grande. Distribuíram por toda sua extensão bancos, postes de iluminação e instalaram equipamentos para a prática de exercícios físicos a “academia popular”, além de possuir sua área arborizada.

A FIEP assumiu o compromisso com a população da cidade e a prefeitura em “adotar” o Espaço Livre Público, assegurando total zelo com o patrimônio e sua manutenção constante tanto de equipamentos como de jardinagem para o melhor uso da sociedade, como a própria Federação expôs em uma placa no local, nesta mesma placa tem o aviso da disponibilidade de internet livre para os que pretende usufruir de seu espaço.

As cidades estão diante das novas tecnologias de informação e precisam se adequar a elas, uma iniciativa assim como a implantação de internet livre em um espaço público de lazer é conveniente, diante de uma sociedade atual que “respira” tecnologia. Tanto as tecnologias como um ambiente agradável, com estrutura, e arborizado trazem mais vida ao Espaço Livre Público.

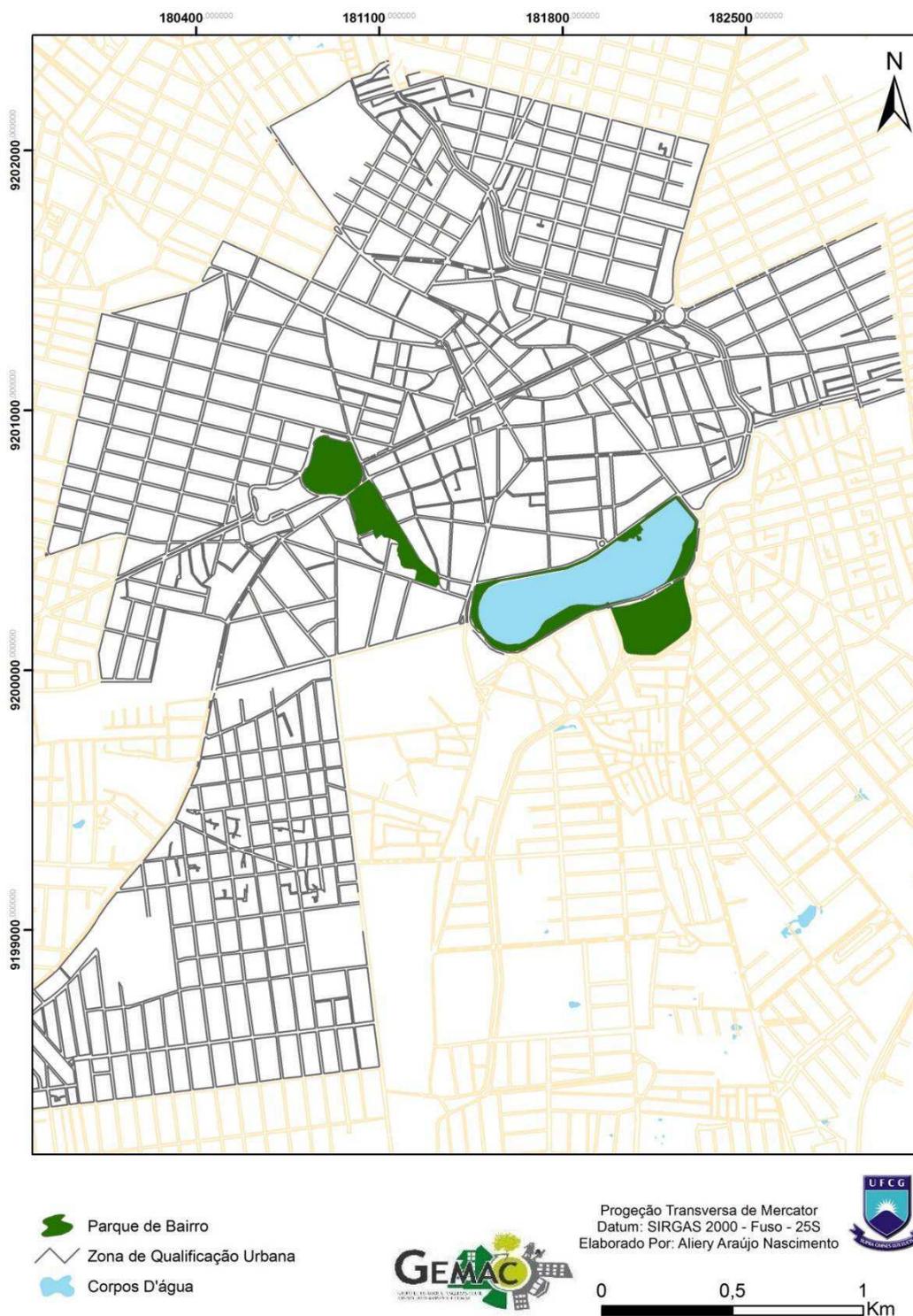
Figura 9: Praça Professor Lopes de Andrade



Fonte: Elaboração própria (2015).

A última categoria corresponde aos Parques de Bairro, a maior parcela em área de Espaços Livres Públicos incluídos neste estudo. Foram identificados 4 (quatro) nessa categoria, somados possuem uma área de 179.507 m², correspondendo a 79,66%.

Mapa 5: Espaços Livres Públicos Categoria: Parque de Bairro



Os Parques de Bairro identificados foram:

- Açude Novo ou Parque Evaldo Cruz – é um espaço livre público importante na cidade, possui vegetação considerável, disponibilidade de bancos, possui ainda na sua extensão o Museu de Artes;
- Açude Velho – Utilizado para práticas de esportes, caminhadas, lazer e cultura;
- Parque do Povo (Figura 10) – Tem uma característica peculiar diante dos demais Espaços Livres Públicos da área estudada, por possuir toda a sua extensão impermeabilizada, sem vegetação, esse espaço é utilizado basicamente para festas públicas na cidade, assim como particulares, hoje essa área tem sido frequentada por pessoas que utilizam a área para andar de bicicleta, skate etc., aproveitando sua grande extensão impermeabilizada;
- Parque da Criança (Figura 11) – Hoje é o maior e mais importante Parque da cidade, por ter em sua estrutura elementos que propiciam a prática de esportes físicos, recreação infantil, lazer, prática de motocross, rampa para skate etc. Sua extensão de parque é bastante arborizada, cabe ressaltar que toda sua extensão de Parque é gradeada limitando-se a horário de funcionamento.

Figura 10: Parque do Povo



Fonte: Elaboração própria (2015).

Figura 11: Parque da Criança



Fonte: Elaboração própria (2015).

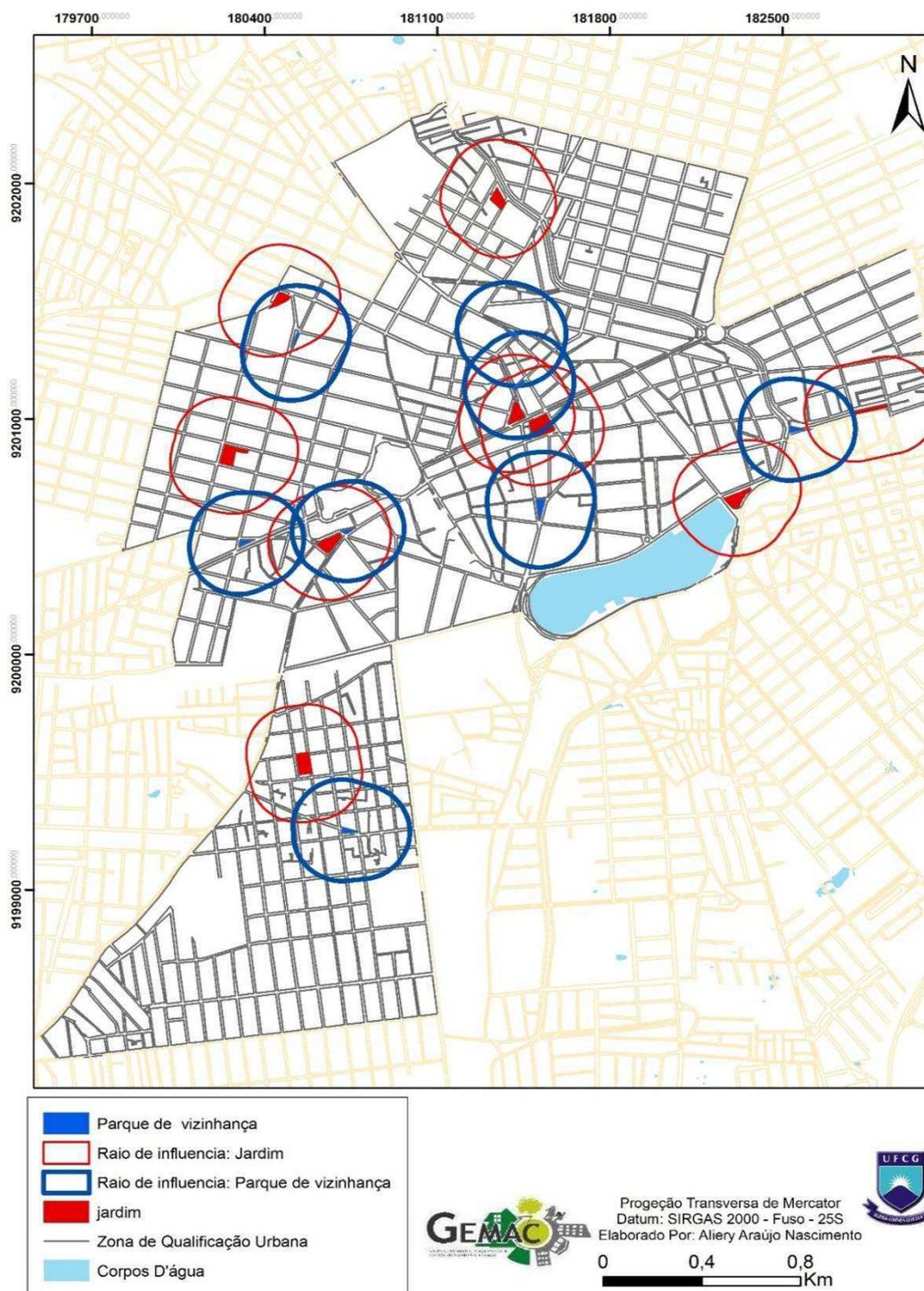
3.3 Raios de Influência dos Espaços Livres Públicos na Cidade de Campina Grande

Os raios de influência nos proporcionam identificar à proporção que os Espaços Livres Públicos estão beneficiando a população da área. Ao definirmos os raios de influência com base na literatura considerando ser o ideal para população usufruir desses espaços, pode-se verificar que várias partes da área estudada ficam de fora. Esta análise nos permite questionar sobre a necessidade de que outros ELP estejam presentes no espaço urbano campinense. Afinal de contas, a distribuição desses espaços é um dos fatores determinantes da acessibilidade dos Espaços Livres Públicos.

Para apresentar os resultados deste item lançamos mão da elaboração de dois mapas, cada um apresenta os resultados para cada uma das categorias: Parque de Vizinhança, Jardim e Parque de Bairro.

O Mapa 6 apresenta o raio de influencia para a categoria Parque de Vizinhança e Jardim. O raio de influência definido foi de 200 m. Pode-se verificar que esses ELP possuem estrutura simples que é o caso dos Parques de Vizinhança, geralmente apenas locais para sentar e com arborização. A categoria Jardim varia de estrutura possuindo ELP com quadra de esportes, academias populares, equipamentos para recreação infantil. A presença dessas categorias de ELP poderia ser bem maior para a manutenção de uma cidade viva e que conviva com pessoas nas ruas.

Mapa 6: Raio de Influência para os ELP: Parque de Vizinhança e Jardim



Para a categoria Parques de Bairro os raios de influência foram definidos de acordo com a área de cada parque, dos quais seguiram da seguinte forma: Para o Parque do Povo um raio de influência de 1.100m, Açude Velho 1.100m, Parque da Criança 1.500m, e o Açude Novo 1.000m.

Mapa 7: Raios de Influência para os ELP: Parque de Bairro



Como observado no mapa acima, os Parques de Bairro abrangem as áreas centrais e alguns bairros que estão mais próximos. Embora sejam referência para a cidade, atraindo pessoas de diferentes localidades, fica evidente que estes ELP deveriam ser vistos como

influência apenas para parte da cidade. Idealmente, o espaço urbano deveria ter outros ELP como esses. A cidade só seria coberta com outros Parques de Bairro existentes em mais pontos.

As pessoas para frequentarem esses locais tem que se deslocar uma distância considerável dependendo de onde moram. O que queremos enfatizar é que existe um raio de influência considerado ideal de acordo com seu tamanho para que a população tenha acesso eficiente. Esses Parques são considerados os maiores de Campina Grande e que mesmo assim ainda não abrangem a cidade como um todo, o que fica claro que a criação de novos parques seria desejável por toda população ou a criação de Parques maiores como se encontra na literatura para a categorização como, por exemplo, os Parques Distritais com área mínima de 10 ha a 100ha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revela a importância da distribuição dos Espaços Livres Públicos nas cidades. Esses espaços trazem inúmeros benefícios para o seu entorno, proporcionam a melhoria da qualidade de vida da população e do meio ambiente urbano, exercem funções variadas, tanto de lazer como preservação ambiental e paisagismo.

Ao analisarmos a distribuição dos Espaços Livres Públicos da Zona de Qualificação Urbana, área central de Campina Grande, percebemos que essa área é razoavelmente servida desses espaços, não tornando suficientes ainda, pois dentro da área analisada temos bairros que não são abrangidos por nenhum tipo de Espaço Livre Público, indo de encontro ao que está escrito no Plano Diretor da cidade, que tem como um dos objetivos ampliar a disponibilidade de espaços verdes e de lazer na Zona de Qualificação Urbana da cidade.

Para saber sobre a realidade de toda a cidade, sugere-se realizar pesquisa abrangendo todo o espaço urbano da cidade de Campina Grande, importante também, a realização de levantamentos sobre a qualidade dos Espaços Livres Públicos já existentes, assim como a apropriação desses espaços.

Visto a importância que os Espaços Livres Públicos exercem para a qualidade ambiental e de vida da população nas cidades. A má distribuição, a inadequada infraestrutura, e inexistência desses espaços, torna-se um fato preocupante, sendo necessário que se obtenha um planejamento que seja claro para esses espaços, e uma efetiva gestão, para que não torne algo que aparece no plano diretor apenas para embelezamento do documento.

Além disso, é importante que todos os segmentos sociais se comprometam em assumir propostas em busca de melhorias na qualidade de vida das cidades. Portanto, esta pesquisa contribui para que sejam ampliadas as discussões sobre as necessidades de Espaços Livres Públicos na cidade de Campina Grande.

Precisamos de cidades que priorizem as pessoas, cidades vivas, para que possamos ter o convívio social e ambiental, uma cidade pensada como lugar de encontros de pessoas, de contemplação da paisagem e, sobretudo, de permanência nos Espaços Livres Públicos.

REFERÊNCIAS

BORTULUZZI, S.D. e HOCHHEIM, N. **Mapeamento e análise dos espaços livres públicos do centro de Florianópolis-SC, como contribuição ao planejamento e gestão ambiental**. II Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia. Resende-RJ. 2005.

BOTELHO, R. G.. **Bacias hidrográficas urbanas**. In: Geomorfologia Urbana. São Paulo: Bertrand Brasil, 2011

CAVALCANTI, Lana de Souza. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1992.

CALDEIRA. J.M. **A praça brasileiro: trajeto rio de espaço urbano origem e modernidade**. Campinas, São Paulo, 2007.

_____. Da “organização” à “produção” do espaço no movimento do pensamento geográfico. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011, p. 75-96.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2000.

DARODA, R. P. **As novas tecnologias e o espaço público da cidade contemporânea**. Dissertação (Mestrado em Planejamento Regional) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre-RS, 2012.

DINIZ, L.S. **As bodegas de Campina Grande: dinâmica sócioespaciais do pequeno comércio**. Campina Grande: EDUFCEG, 2011.

FONTES, N; SHIMBO, I. Proposição de indicadores para a análise de disponibilidade de espaços livres públicos de lazer. In: iii encontro nacional sobre edificações e comunidades sustentáveis – ENECS. São Carlos, 2003.

GEHL, Jan. **Cidade para pessoas**. Perspectiva. São Paulo, 2013.

GOMES, P.C.C. **A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil. 2002.

HARDT, L. P. A. Recuperação de áreas degradadas para áreas verdes urbanas. In: **Curso sobre paisagismo em áreas urbanas**. Curitiba: Unilivre, 1996.

LIMA, Rosilene Cassiano Silva A. de. et. al . Abastecimento de água em Campina Grande (PB): um panorama histórico. In: RANGEL, Júnior Antônio Guedes; SOUSA, Cidoval Morais de (Org.). **Campina Grande, hoje e amanhã**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.

LOBODA, C. R.; ANGELIS, B. L. D. de. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência – Revista do Centro de Ciências Agrárias e Ambientais**, v. 1, n. 1 jan./jun. 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE. Lei complementar nº 003, de 09 de outubro de 2006. Promove a revisão do Plano Diretor do município de Campina Grande.

QUEIROZ, M. V. D. **Quem te vê não te conhece mais**: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Carlos, 2008.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo; razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SERPA, A. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.

SWYNGEDOUW, E. A cidade como um híbrido: natureza, sociedade e “urbanização cyborg”. In: ACSELRAD, H. (Org.) **A duração das cidades**: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.